

Relatório de Participação no Evento MWC – Shanghai 2026

Rodolfo da Silva Avelino

Dias 24 - 26 de junho de 2026

Impressões gerais

Participar do MWC Shanghai 2026 foi uma oportunidade importante para compreender como a indústria global de telecomunicações está reposicionando seu papel na era da inteligência artificial. O evento me permitiu observar uma convergência bastante clara entre fabricantes, operadoras, provedores de infraestrutura e empresas de software em torno de uma mesma visão de futuro. Independentemente da sessão ou da empresa responsável pela apresentação, havia uma mensagem recorrente em que a inteligência artificial deixa de ser apenas uma aplicação executada sobre a infraestrutura digital e passa a constituir um elemento nativo da própria infraestrutura. Redes de telecomunicações, data centers, computação em nuvem, *edge computing*, dispositivos e semicondutores passam a ser concebidos como uma arquitetura integrada e distribuída, preparada para suportar agentes de IA, processamento em tempo real e novos serviços digitais.

Outro aspecto que me impressionou foi a mudança de posicionamento da própria indústria de telecomunicações. Historicamente, as operadoras concentravam seus investimentos em ampliar cobertura, capacidade e velocidade das redes. Ao longo do evento, ficou evidente que o desafio atual deixou de ser apenas transportar dados. A discussão passou a ser como transformar a infraestrutura de telecomunicações em uma plataforma capaz de oferecer serviços inteligentes, disponibilizando recursos computacionais, processamento em borda, autenticação, identidade, localização, APIs de rede e outras funcionalidades diretamente para aplicações e agentes de IA. Em outras palavras, a conectividade tende a se tornar apenas uma das camadas de valor da infraestrutura, enquanto a monetização passa a ocorrer cada vez mais pela oferta de capacidades inteligentes da própria rede.

Essa transformação também despertou algumas reflexões relacionadas às minhas áreas de pesquisa. À medida que a inteligência passa a ser incorporada à infraestrutura, as redes deixam de atuar como intermediárias relativamente neutras para assumir um papel mais ativo na execução de serviços, no processamento de informações e na tomada de decisões em tempo real. Isso amplia a importância de temas como segurança cibernética, governança da infraestrutura digital e identidade de agentes autônomos, mas também suscita novos debates sobre neutralidade de rede. Se parte da inteligência das aplicações passa a ser oferecida pela própria infraestrutura, surgem questões relevantes sobre diferenciação de serviços, priorização de aplicações, concentração de capacidades tecnológicas e dependência de grandes operadores e fornecedores de infraestrutura. Embora o evento tenha enfatizado predominantemente as oportunidades econômicas dessa transformação, considere particularmente interessante refletir sobre seus impactos regulatórios e sobre a preservação de princípios fundamentais da Internet, especialmente em um cenário em que infraestrutura e inteligência artificial passam a se tornar praticamente indissociáveis.

O Registro das principais Sessões acompanhadas

Ao longo do MWC Shanghai 2026 acompanhei diversas apresentações sobre infraestrutura digital, inteligência artificial, telecomunicações e transformação digital. Embora cada sessão abordasse aspectos específicos, observei uma forte convergência em torno de alguns temas recorrentes: a infraestrutura como elemento central da inteligência artificial, a transformação das redes de telecomunicações em plataformas inteligentes, o avanço da IA autônoma e a reorganização das empresas em torno de modelos *AI-native*. A seguir apresento as principais percepções de algumas das sessões que considere mais relevantes.

Opening Ceremony & Keynote 1: Powering the Intelligent Age

A sessão de abertura estabeleceu o tom de todo o evento. A principal mensagem foi que estamos entrando na chamada *Intelligent Age*, uma nova etapa da transformação digital em que a inteligência artificial deixa de ser apenas uma

tecnologia aplicada a determinados produtos e passa a constituir a base da economia digital.

Os palestrantes defenderam que essa nova fase dependerá menos da evolução isolada dos modelos de IA e muito mais da capacidade de integrar infraestrutura de telecomunicações, computação em nuvem, computação de borda (*edge computing*), data centers, semicondutores e sistemas energéticos em uma arquitetura única e inteligente.

Também foi bastante enfatizado que o crescimento da IA exigirá investimentos crescentes em infraestrutura física. Em diversos momentos apareceu a ideia de que o verdadeiro diferencial competitivo não estará apenas nos modelos de linguagem, mas na capacidade de construir e operar a infraestrutura necessária para executá-los em escala.

Essa perspectiva reforçou uma reflexão que permeou todo o evento: a infraestrutura deixa de ser um elemento invisível da economia digital para assumir uma posição estratégica na disputa tecnológica e econômica entre empresas e países.

Infrastructure Reimagined: Intelligence at the Core

Esta foi, provavelmente, uma das sessões que mais dialogou com meus interesses de pesquisa.

Os palestrantes defenderam que a infraestrutura está sendo completamente redesenhada para incorporar inteligência em seu próprio núcleo (*intelligence at the core*). Em vez de operar apenas como suporte para aplicações, redes, data centers, equipamentos de rádio e sistemas de energia passam a executar funções inteligentes de forma distribuída.

Foi apresentado o conceito de infraestrutura adaptativa, capaz de monitorar continuamente seu funcionamento, antecipar falhas, redistribuir cargas de processamento e otimizar automaticamente seu desempenho por meio de modelos de IA.

Também me chamou atenção a forma como diferentes componentes da infraestrutura passaram a ser tratados como partes de um mesmo ecossistema. Redes móveis, computação em nuvem, *edge computing*, chips especializados e sistemas energéticos foram apresentados como elementos de uma arquitetura única voltada à inteligência artificial.

Ao longo da apresentação fiquei com a impressão de que a infraestrutura deixa definitivamente de ser apenas um ativo operacional para se tornar um ativo estratégico da economia digital.

AI in Action: The Autonomous Era

Esta sessão concentrou-se na evolução da inteligência artificial para modelos cada vez mais autônomos.

Os palestrantes argumentaram que estamos passando rapidamente de uma fase dominada pela IA generativa para outra caracterizada pela IA agente (*agentic AI*), na qual sistemas deixam de apenas responder solicitações para executar tarefas complexas, tomar decisões e cooperar entre si.

Foram apresentados exemplos de arquiteturas compostas por múltiplos agentes especializados que atuam de forma coordenada para resolver problemas complexos, integrando dados em tempo real provenientes de sensores, dispositivos móveis, sistemas industriais e plataformas digitais.

Outro conceito bastante explorado foi o da colaboração entre computação em nuvem e computação de borda. Segundo os palestrantes, essa arquitetura permitirá que decisões sejam tomadas muito próximas da origem dos dados, reduzindo latência, aumentando a eficiência e viabilizando aplicações críticas em mobilidade, indústria, cidades inteligentes e veículos autônomos.

Também foi discutida a evolução para formas de inteligência incorporada (*embodied intelligence*), em que agentes de IA passam a interagir diretamente com ambientes físicos por meio de robôs, sensores e equipamentos conectados.

Essa sessão reforçou minha percepção de que a próxima etapa da IA será muito menos centrada em grandes interfaces conversacionais e muito mais em sistemas distribuídos que operam continuamente, quase de forma invisível ao usuário.

Enterprise Rebirth

A sessão *Enterprise Rebirth* apresentou uma visão bastante interessante sobre como a inteligência artificial está transformando a própria estrutura das organizações.

A principal ideia foi que as empresas não apenas utilizarão ferramentas de IA, mas passarão a operar em conjunto com elas. Os palestrantes descreveram esse movimento como uma transição para empresas *AI-native*, nas quais processos, decisões e operações passam a ser concebidos considerando a presença permanente de agentes inteligentes.

Segundo a apresentação, essa transformação ocorre em três dimensões simultâneas.

A primeira é a tomada de decisão baseada em dados, permitindo análises contínuas e decisões cada vez mais automatizadas.

A segunda envolve a automação da execução, na qual agentes inteligentes passam a apoiar ou realizar atividades anteriormente executadas exclusivamente por pessoas.

A terceira diz respeito à inovação colaborativa entre humanos e IA, em que novas soluções são desenvolvidas por equipes compostas simultaneamente por profissionais e agentes inteligentes.

Outro ponto que achei interessante foi a constatação de que essa transformação não depende apenas da adoção de aplicações de IA. Ela exige uma nova infraestrutura organizacional baseada na integração entre inteligência artificial, computação em nuvem, conectividade de próxima geração e dispositivos inteligentes.

Os palestrantes apresentaram diversos exemplos de aplicação em cadeias de suprimentos, atendimento ao cliente, planejamento operacional e manufatura, mostrando como a convergência entre IA e infraestrutura digital tende a redefinir a forma como as empresas competem.

Ao final da sessão fiquei refletindo que talvez o termo “transformação digital” já não seja suficiente para descrever esse movimento. O que está sendo proposto é uma reorganização das empresas em torno da inteligência artificial como elemento estrutural de suas operações, o que implica mudanças profundas em governança, arquitetura tecnológica, competências profissionais e modelos de negócio.

Considerações finais

A impressão geral que ficou dessas quatro sessões é bastante consistente: a inteligência artificial deixou de ser apresentada como uma aplicação específica e passou a ser tratada como parte da própria infraestrutura econômica. Em praticamente todas elas, a IA apareceu integrada às redes de telecomunicações, à computação em nuvem, aos data centers, aos dispositivos móveis e às organizações. Essa convergência reforça a percepção de que a próxima fase da transformação digital dependerá menos da evolução isolada dos modelos de IA e muito mais da capacidade de construir, governar e operar a infraestrutura que sustentará essa nova economia. Para quem pesquisa infraestrutura digital, governança da Internet e segurança, esse movimento abre um campo particularmente interessante de investigação, especialmente pelos desafios que traz para temas como soberania digital, concentração de mercado, segurança cibernética e neutralidade de rede.